

AVENIDA CARLOS LACERDA

Decreto nº 7306 de 16-08-1982

Formada pela avenida 1 do Jardim Santa Lúcia -

la. parte

Início na avenida Ruy Rodriguez

Término na divisa do mesmo loteamento

Jardim Santa Lúcia

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal José Nassif Mokarzel. Protocolado nº 22.656 de 26-07-1982 em nome de Grêmio Estudantil "Carlos Lacerda".

#### CARLOS LACERDA

Carlos Frederico Werneck Lacerda nasceu em Vassouras, Estado do Rio de Janeiro, em 30-abril-1914 e faleceu no Rio de Janeiro, em 21-maio-1977. Estudou Direito no Rio e foi redator da revista "Diretrizes" em 1937, e também do "Observador Econômico e Financeiro", no Rio. Militante comunista na juventude, transformou-se depois em líder conservador. Teve projeção no "Correio da Manhã", mantendo uma coluna intitulada "Tribuna da Imprensa". Deixando o "Correio", fundou um jornal próprio com o mesmo título de sua coluna. A violência extrema de suas campanhas, tornou-o alvo de mais de um atentado. Em 1954 dirigiu campanha que culminou com a morte de Getulio Vargas. Eleito governador do Estado da Guanabara (ex-Distrito Federal), participou ativamente do movimento de março de 1964, que afastou João Goulart do governo e levou o país a uma crise sem precedentes. Em dezembro de 1968 teve seus direitos políticos suspensos por 10 anos pela ditadura militar. Retirou-se da vida pública, então. Publicou várias obras, entre as quais: "O Rio", "O Poder das Idéias" e "Crítica e Autocrítica".



DECRETO N.o. 7.306 DE 16 DE AGOSTO DE 1982

DENOMINA "CARLOS LACERDA" UMA VIA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-lei Complementar Estadual n.o. 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios),

DECRETA:

Artigo 1o. - Fica denominada AVENIDA CARLOS LACERDA a Avenida 1 do Jardim Santa Lúcia 1a. parte, com início na Estrada Municipal de Santa Lúcia e término na divisa do mesmo loteamento.

Artigo 2o. - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

PAÇO MUNICIPAL, 16 de agosto de 1982.

DR. JOSÉ NASSIF MOKARZEL  
Prefeito Municipal

DR. JOÃO BAPTISTA MORANO  
Secretário dos Negócios Jurídicos

ENGo. ISTAMIR SERAFIM  
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do protocolado n.o. 22656, de 26 de julho de 1982, em nome do Grêmio Estudantil "Carlos Lacerda", e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 16 de agosto de 1982.

ARY PEDRAZZOLI  
Diretor do Departamento do Expediente



GRÊMIO ESTUDANTIL "CARLOS LACERDA" - GECAL V 7  
 REPRESENTAÇÃO ESTUDANTIL DO COLÉGIO CATENEU CAMPINENSE

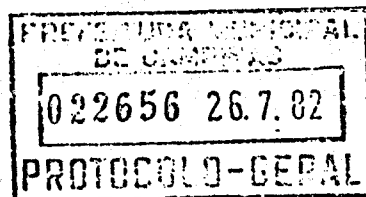
G.O.A.R.

ANPV 1.1103-3

Of. 008/1 982.-

Campinas, 20 de Julho de 1 982.-

Prezado Senhor,



No Natal de 1961, por ocasião da rebelião na penitenciária, Lacerda, cercado pelos presos que, pela coragem, conseguiu acalmar, falando-lhes depois de ouvir-lhes as reivindicações. Atrás dele, o Capelão da penitenciária. Mais ninguém.

A Comissão constituída dos seguintes

Membros:

Dr. José Leite Carvalhaes (Presidente), Dr. Nelson Noronha Gustavo Filho, Dr. Mário Mendes, Dr. Mário Rubens Costa, Dr. Artur Paes Leme Canguçu e Professor - Paulino da Costa Eduardo, e este Grêmio, ao ensejo da "Semana Carlos Lacerda", a realizar-se de 09 a 14 de Agosto, nesta cidade, como homenagem póstuma, a um dos mais ilustres brasileiros vem, respeitosamente, sugerir a V.Exa. se digne officiar a Câmara Municipal, no sentido de dar um nome de Carlos Lacerda a uma via pública desta cidade, apresentando, para tanto, um resumo biográfico do ilustre homenageado, ou seja xerocópia contendo os principais dados de sua vida pública.

Certos de que V.Exa. estará de acordo com a presente sugestão, O Presidente da Comissão e o Presidente do Grêmio subscrevem-se,

Com respeito e Admiração.-

*Jose Leite Carvalhaes*  
 Dr. Jose Leite Carvalhaes.

*Ivete Francisca Lourenço*  
 Ivete Francisca Lourenço.

Exmo. Sr. J. Dr. Nacif Morkazel  
 DD. Prefeito Municipal de Campinas  
 Paço Municipal  
 Av. Anchieta, 300  
 Nesta.-



A verdade sobre Carlos Lacerda

# O HOMEM QUE PERDEU O AMIGO

## A HISTÓRIA QUE AINDA NÃO FOI CONTADA

Esta é uma história que nunca foi contada.

Carlos Lacerda escreveu três artigos diferentes para publicação no seu jornal, a «Tribuna de Imprensa», no dia 24 de agosto de 1954.

O terceiro artigo foi escrito depois que Lacerda soube do suicídio do presidente Getúlio Vargas. Nêle, pedia a pacificação do país, com a punição dos que haviam promovido o atentado da Rua Toneleros, causando as mortes do major Rubens Florentino Vaz e, também, do presidente Vargas.

O segundo artigo fora escrito depois de conhecida a notícia da deposição do Vargas pelas forças armadas. Nêle, Lacerda pedia a pacificação e saudava a atitude das forças armadas.

O primeiro artigo, no entanto, havia sido escrito na noite do dia 23 de agosto, quando tudo parecia indicar que o governo superaria a crise, consolidando a sua posição.

É desse artigo, o trecho que publicamos acima, em «fac-símil». É sobre ela que vamos falar.

### A CRISE DE AGOSTO

NOS ÚLTIMOS CINCO dias da crise de agosto, Lacerda ficara na residência de um oficial da Força Aérea Brasileira, preparado para resistir a qualquer incursão de elementos da guarda pessoal de Vargas, da Polícia ou, mesmo, de qualquer força armada.

Sómente meia dúzia de pessoas sabiam onde ele se encontrava.

Nesse meio termo, o governo censurava as estações de rádio e o general Zenóbio da Costa, ministro da Guerra, garantia a Vargas que defenderia o governo.

Na noite de 23, a crise havia chegado ao seu climax. Era segunda-feira. No sábado, o almirante Muniz Freire havia sido preso, a bordo do cruzador «Barroto» e todos os oficiais do navio se haviam declarado solidários com ele. No domingo, os brigadeiros se haviam reunido e decidido, praticamente, manifestar a sua desconfiança no governo. Desde domingo, circulava um manifesto, assinado por generais e pedindo a renúncia do presidente Vargas.

Mas o general Zenóbio tinha o controle da maior parte da guarnição do Rio de Janeiro. O general Nelson de Melo, na Vila Militar, ainda não havia tomado posição — o que só fez no último instante. O falecido general Estillac Leal, no comando da guarnição de São Paulo, se aprestava para defender o governo, oferecendo tropas a Zenóbio.

### PORQUE LACERDA NÃO VOLTA

LACERDA DEIXOU a casa onde estava, em Copacabana, para ir para a casa do outro amigo, em Botafogo, no sopé do Corcovado.

Lá, começou a receber as notícias mais alarmantes possíveis — inclusive um relatório completo sobre a manobra promovida pelo general Angelo Mendes de Moraes (um dos mandantes do atentado de Toneleros) em favor do afastamento temporário de Vargas, do poder.

Foi, então, que escreveu o artigo, dizendo que se, dentro de 48 horas, Vargas não fosse apeado do poder, ele faria o seguinte:

«Voltarei à rua, como antes, como sempre. O rádio me é proibido — pois falar sob censura inconstitucional é pactuar com essa farsa trágica que o povo, esturrecido, assiste nesta hora.

«Mas a rua é o lugar dos que sabem que têm o dever de dar testemunho. Então a nação inteira verá que a Constituição já não existe, senão a complacência com o crime a submissão aos criminosos».

Hoje, segundo informações seguras, Carlos Lacerda está ansioso por voltar ao Rio de Janeiro. Chegou, em Lisboa, a pedir a passagem de volta. Quer estar aqui, neste momento de crise, para ir à rua, dar testemunho, participar.

Há, porém, razões que exigem a sua permanência fora do país — ainda que o prejudiquem pessoalmente.

Carlos Lacerda ausente neste momento, está impedido que o general Henrique Lott tenha um motivo para intervir, mais uma vez, violentamente, na vida política brasileira. O general Lott, que já denunciou a existência de uma conspiração, acusando o brigadeiro Eduardo Gomes e o general Juarez Távora de serem os cabeças, só precisaria da chegada repentina de Lacerda para precipitar os acontecimentos.

Carlos Lacerda, em Lisboa, está se sacrificando, mais uma vez, pelo seu país, violando o seu próprio temperamento. Seu futuro de político está em jogo, mais uma vez. Lacerda, que já demonstrou possuir coragem física e moral, está mostrando que é paciente — qualidade muito rara nos homens combativos.

### O PRIMEIRO COMÍCIO

CARLOS LACERDA é, acima de tudo, um homem combativo.

Nasceu no dia 30 de abril de 1914, em Laranjeiras, no Rio de Janeiro, mas foi registrado em Vassouras, pelo seu avô, o ministro Sebastião Lacerda, do Supremo Tribunal Federal.

Seu pai, Maurício de Lacerda, foi conhecido, em todo o Brasil, como um dos grandes tribunos liberais que prepararam a revolução de 1930, sofrendo vexames e prisões.

Aos 10 anos de idade, quando estudava na Escola Pública José de Alencar, Lacerda foi surpreendido pela professora a fazer o seu primeiro comício — lendo o manifesto lançado pelo general



Lacerda com a sua caçula: Maria Cristina.

Ildoro Dias Lopes, que havia sido comentado em sua casa.

Lacerda estudou no Liceu Francês e no Colégio Pio-Americano, de onde fugiu, certa vez, para a casa dos avós, em Vassouras, só voltando para o internato depois que, entre outras coisas, a família lhe deu liberdade de ler o que quisesse.

Em uma das primeiras coisas que achou para ler foi o «ABC do Comunismo», de Plekhanov.

A situação financeira da sua família, nos anos que precederam a revolução de 30, não foi das melhores, dadas as vicissitudes da carreira política de Maurício Lacerda. Esta foi uma das razões que levaram Carlos, aos 15 anos, a procurar o seu primeiro emprego em jornal — como noticiarista de setor, no «Diário de Notícias», ganhando pouco mais de 100 mil réis por mês.

Mas, foi em 1930, depois da revolução, que Carlos foi detido pela Polícia, pela primeira vez, sendo fichado como comunista.

Os anos que se seguiram marcaram a aproximação, cada vez maior, de Lacerda com o Partido Comunista, que lhe parecia, então, o caminho para a revolução que viesse solucionar o problema social brasileiro.

Foi Carlos que, em 1934, no Teatro João Caetano, como membro da Aliança Nacional Libertadora, leu o manifesto de Luís Carlos Prestes.

Quando houve o levante comunista em 1935, o governo de Getúlio Vargas aproveitou para fazer uma «limpeza» entre as forças de oposição — perseguindo não apenas os stalinistas como também os trotskistas, os liberais, os socialistas e outros adversários da ordem





rente. Carlos Lacerda teve de fugir, em a policia nos calcinheiros. Com nome trocado, fez a campanha presidencial de José Américo, percorrendo o interior da Bahia. Mas, quando escansava, na Ilha de Itaparica, foi preso, por causa de um delator. Trazido ao Rio, conseguiu ser solto, por falta de provas. Deram-lhe, por menagem, a liberdade de Vassouras. As suas divergências com o stalinismo haviam começado e a policia já o chamava de agitador trotskista. Durante o Estado Novo, Lacerda foi inúmeras vezes preso ou detido pela policia. As autoridades sabiam que ele era opositor do governo, embora soubessem também, que ele se afastava, cada vez mais do Partido Comunista.

Lacerda trabalhou, entre 1936 e 38, na «Revista Acadêmica», em «Diretrizes», então dirigida por Samuel Wainer, no «Diário de Notícias», no «Observador Econômico e Financeiro» foi o criador do «Boletim da Associação Comercial de São Paulo», secretário da agência Meridional e, depois, de «O Jornal», de Assis Chateaubriand.

No «Observador» escreveu uma «História do Comunismo no Brasil», o que lhe valeu insultos, por parte dos stalinistas. E, por discordar da linha de pactuação com os nazistas, seguida pela «Diretrizes», de Wainer, por ocasião do pacto germano-soviético, deixou a revista. Secretário de «O Jornal», deixou o

Renunciou ao posto eletivo quando os vetos do prefeito passaram a ser apreciados pelo Senado Federal — o que foi um rude golpe na autonomia do Distrito. A sua renúncia — e a de Adauto Lúcio Cardoso — foi em sinal de protesto.

Por haver atacado amigos do sr. Paulo Bittencourt, no caso das refinarias, saiu do «Correio da Manhã» — amigavelmente.

Falou, durante algum tempo, numa estação de rádio — a «Mayrink Veiga». Fazia uma campanha em favor dos favelados do Distrito Federal, e criticava, severamente, o general Mendes de Moraes, prefeito. Por causa disso, sofreu uma agressão a mando do general, na porta da emissora.

Mais tarde, a ação de grupos políticos interessados em silenciar a sua voz, conseguiu retirar-lhe o microfone.

Lacerda fez um apelo ao povo para que comprasse ações de um jornal, que pretendia lançar. Em pouco tempo, 3.400 pessoas — de operário a general, de padreiro a professor — subscreveram ações e o jornal — que se chamou «Tribuna da Imprensa» — saiu à rua.

O prefeito Mendes de Moraes fez tudo que pôde para impedir que o jornal saísse, chegando até a conseguir, que não houvesse gás, nas oficinas, o que obrigou os gráficos e os redatores a trabalhar de chumbo, com fome e fome, mantida a lenha.

E, em torno de Carlos Lacerda, começou a se formar um movimento de opinião pública que incluía grande número de oficiais das forças armadas.

O resultado foi que, em 1954, a tentativa foi tramada contra a sua vida, havendo sérias indicações de que a iniciativa partiu de Benjamim Vargas, irmão do presidente da República.

No dia 5 de agosto desse ano, Lacerda e um guarda municipal, Santa Romário, foram feridos por um pistoleiro, enquanto morria o major Rubem Borenstein Vaz, seu amigo que o acompanhava para protegê-lo, mas estava armado.

Passados 19 dias, o governo era deposto e o presidente Vargas, cujo governo havia se encontrado naquela situação por causa de membros da sua própria família, cometa suicídio.

DEPUTADO MAIS VOTADO

LACERDA propôs um governo atuante, que reformasse as instituições e combatesse a corrupção. Contrário à convocação imediata de eleições, viu-se diante de um fato consumado quando o governo decidiu convocá-las. Como Luthero Vargas, filho do presidente suicida, Lacerda decidiu disputar as eleições para deputado federal.

Foi pedir voto em todos os bairros da cidade. Fez comícios em praças públicas, na zona suburbana. Fez comícios em casa, na Zona Sul. Foi o deputado mais votado, com mais de 100 mil votos.

Contrário à convocação das eleições presidenciais, mas vendo que o governo Café Filho insistia nessa tecla — embara a máquina oligárquica não tivesse sido desmontada — Lacerda defendeu a candidatura do general Juarez Távora.

Diante do que lhe parecia ser vacilação de Juarez, propôs o candidato Etelevino Lima, cujo nome não resistiu ao lançamento da candidatura do general, que era polido por Jânio Quadros.

Vendo que, mais uma vez, a oligarquia voltaria ao poder, passou a preparar um regime de exceção, patrocinado pelas forças armadas, que preparasse o país, em seis anos, para a democracia.

No último instante, apoiou Juarez. Declarou que as chances do general não lhe pareciam boas, mas, como não via possibilidade de uma fórmula revolucionária, achava que valia uma tentativa final, nas urnas.

A eleição de Juscelino Kubitschek, em pleito fraudado (o «Correio da Manhã», em 1954, demonstrou, numa série de esplêndidas reportagens, como o PSD fraudou as eleições em todo o Brasil) levou Lacerda a pregar, mais uma vez, o regime de exceção.

Já havia, então, mostrado, em público, uma carta que, assinada por Antônio Brandi, deputado provincial argentino, provaria que João Goulart, candidato à Vice-Presidência, conspirava com o general Juan Domingo Perón, inclusive contrabandeando armas pela fronteira sul do Brasil, para a instauração de um regime totalitário no país.

(Conclusão na pág. 26)

DO QUE REPRESENTOU o representa para aqueles que querem um Brasil livre da corrupção», disse Lygia Vaz ao MAQUIS:

SINTO-ME CONTRISTADA COM A AUSÊNCIA FORÇADA DE CARLOS LACERDA PARA O ESTRANGEIRO. ELE QUE FOI E É O PRINCIPAL BATALHADOR DOS NOSSOS IDEAIS, MEUS E DE MEU MARIDO: O DE VER E TER UM BRASIL DECENTE E LIVRE DA CORRUPÇÃO.

FOI, ENTRETANTO, UMA MEDIDA NECESSÁRIA. PENA É QUE, COM RARAS EXCEÇÕES, OS OUTROS DEPUTADOS DA OPOSIÇÃO NÃO TENHAM COBERTO COMO DEVIAM O CLARO DEIXADO POR ELE, MANTENDO FIRME E ACESA A LUTA PELA REDENÇÃO DO PAÍS.

A AUSÊNCIA DE CARLOS LACERDA VEIO TAMBÉM PROVAR E CONVENCER A TODOS DA NECESSIDADE DE SUA PALAVRA PARA O SEM DO BRASIL. TENHO ESPERANÇA, SE DEU QUISER, DE MUITO BREVE TÊ-LO ENTRE NÓS.

OUTRA AGRESSÃO

NA «TRIBUNA DA IMPRENSA» Lacerda fez campanha contra a volta de Getúlio Vargas ao poder, em 1950. Tentou a união de forças que lançariam um candidato de conciliação, retiradas as candidaturas do brigadeiro Eduardo Gomes e de Cristiano Machado. Isso, quando a policia, à chegada de Cristiano, espalhou um fotógrafo do seu jornal, rompeu todos os entendimentos e aliou-se, sem nada pedir, a Eduardo Gomes. Fêz o possível, porém, para que este não aceitasse o apoio dos integralistas, chefiados por Plínio Salgado — o que não conseguiu.

Por haver o seu jornal denunciado os negócios escusos de Arthur Pires, presidente do SESEC, com o coronel Guilherme Aloisio Teles Ribeiro, foi agredido por esse oficial da Aeronáutica e por um capanga, à entrada da sua residência, num domingo, quando voltava da missa, com seus filhos.

COM SEUS FILHOS

DURANTE O GOVERNO Vargas, o seu jornal denunciou irregularidades sem conta, terminando por fazer campanha contra o financiamento ilegal da «Última Hora», que ficou provada em inquérito parlamentar.

A «Tribuna da Imprensa» sofreu cerco econômico, com pressão sobre os anunciantes, por iniciativa de elementos da «entourage» e da própria família de Vargas.

A sua voz alcançou todos os pontos do Brasil, por intermédio da «Rádio Globo».

Interesse Nazista Brasileiro  
O que pensava  
Carlos Lacerda  
mas no poder do  
fo no dever  
assistir a um  
testemunho de que nos  
se espantou, para seguir  
meu e redação de Lacerda  
se prova de que a corrupção

4



MEMORIA  
 DO  
 PERITO  
 DANILLO

(Conclusão da pág. 11)

O inquérito, como se sabe, foi feito sob medida, por ordem do general Henrique Lott, ministro da Guerra, que já tramava contra o governo Café. O general Emílio Maurell Filho, presidente do inquérito, tinha fortes razões pessoais para detestar o Clube da Lanterna, que apoiava Lacerda, e era amigo da família de um dos envolvidos no inquérito — Danilo Pittipaldi. Para que Maurell ouvisse o depoimento de Lacerda foi preciso a intervenção de intermediários.

No dia 11 de novembro de 1953, quando Lacerda julgava que a situação se resolvia, com o afastamento do general Lott da pasta da Guerra e a possibilidade de uma «batalha judiciária» que anulasse a fraude eleitoral, veio o golpe de Estado.

Lacerda teve a sua casa varejada pela polícia mas, avisado com poucos minutos de antecedência, conseguiu alcançar o Ministério da Marinha, embarcando a bordo do cruzador «Tamandaré» com o presidente Carlos Luz.

O seu jornal, invadido por tropas do Exército, armadas de armas automáticas, teve toda a sua documentação anilhada. Certas informações desapareceram, especialmente uma pasta de fatos sobre o caso da Carta Brandi. Alguns documentos sobre Benjamim Vargas também foram escamoteados. A ocupação do jornal foi superintendida pelo coronel Jefferson Cardim de Alencar Osório, elemento associado aos comunistas.

Lacerda, na volta do «Tamandaré», queria reassumir o seu posto, na Câmara Federal. Foi dissuadido disso pelos seus colegas da bancada da UDN e por companheiros do jornal. O senador Juracy Magalhães se tornou fiador da sua atitude de pedir asilo político à embaixada de Cuba. O deputado Tenório Cavalcanti forneceu informações que provaram estar sendo preparado o assassinato de Lacerda.

Apesar disso, os seus inimigos aproveitaram a ocasião para chamá-lo de fugião. Mais tarde, dada a sua situação nos Estados Unidos, onde apesar do «gelo» da grande imprensa republicana e das resistências do Departamento de Estado, conseguiu falar e escrever sobre a verdadeira realidade brasileira.